Semântica Mauesense em Foco

Jessiane da Rocha Alves [1], Gislane Aparecida Martins Siqueira[2]

[1] Discente do Curso Técnico em Informática – IFAM – MAUÉS. Bolsista Institucional e-mail : jessiane.rocha@hotmail.com
[2] Docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – Maués – AM . e-mail: gislaneams@terra.com.br

Resumo: Este artigo apresenta o resultado da análise semântica da Língua falada e escrita na cidade de Maués – AM, localizada no Médio Amazonas, cidade distante da capital 267 Km em linha reta, chegando a levar de 15 a 18 horas de barco recreio até a capital Manaus. Os meios de sair da cidade são barco e avião, essa particularidade ajudou a preservar expressões e palavras locais. Para análise de texto escrito, estudamos texto do livro Contos e Lendas, em que o escritor Aldemir Bentes fala sobre a cidade e relata contos e lendas, os quais estão recheados de palavras de uso regional. E diálogos orais, produzidos por jovens amigos, em sua descontração e naturalidade. O resultado foi surpreendente, uma vez que muitas pessoas, ainda hoje, acreditam que só falam a língua que é ensinada nas escolas.

Palavras–chave: semântica, escrita, oralidade, regionalidade

Introdução

Semântica Mauesense em Foco caracteriza-se na pesquisa da linguagem verbal escrita e na falada, buscando a significação que está no centro de toda atividade linguística, verificando se o escritor e o falante mauesense/maueense utiliza palavras e expressões diferentes das encontradas em dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa, uma vez que Maués tem uma rica história cultural com heranças indígena, portuguesa, italiana e japonesa. O que nos motivou a essa pesquisa foi o interesse pela língua portuguesa e curiosidade sobre nosso falar local. E o motivo de escolhermos o livro "Contos e Lendas" escrito pelo autor Aldemir Bentes para trabalharmos, surgiu quando em uma pesquisa na biblioteca municipal de Maués nos interessamos pelo livro, tendo em vista que o autor aborda a história da cultura mauesense de um modo geral, de acordo com o conhecimento de pessoas mais idosas. Dessa forma, iniciamos o trabalho apresentando histórico e características da cidade de Maués, o conceito de semântica e oralidade e escrita, que norteiam nosso trabalho, em seguida, material e método, resultado, discussão e conclusão.

1- História e Características de Maués

Segundo Paiva (2010), no lugar onde foi fundado o povoado da "Luséa" existia uma aldeia mundurucu chamada de "Vacituba" que significa terra grande, fértil. O povoado de Luséa (Maués) foi fundado pelos portugueses Luís Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto e o trabalho missionário foi entregue aos capuchinhos. Em outubro de 1848, pela Lei nº 146, a Luséa perdeu parte do seu território que deu origem ao "município Vila Bela de Imperatriz (atual Parintins)". Em 11 de setembro de 1865, através da Lei providencial nº 151, a sede de Luséa passa a denominar-se "Vila da Conceição". Em 4 de novembro de 1892, pela Lei Estadual nº35, o município e sua sede passam a denominar-se "Maués", que significa *cidade de papagaio inteligente e falador*. No processo de imigração da cidade estavam: italianos, portugueses e japoneses.

De acordo com os dados do CENSO de 2010 a população total de Maués era de 51,847. O relevo da região é constituído pela Planície Amazônica, variando de plano a ondulados, e destacam-se lagos e depósitos fluviais recentes. O clima é Tropical chuvoso, com temperatura média de 28ºC e vaporização entre 26ºC (mínima) e 32ºC (máxima). A vegetação do município está classificada como Floresta Tropical Densa, com exuberante cobertura vegetal ombrofilia de floresta densa, com predominância de árvores emergentes de grande porte. Sua hidrografia tem como seus principais leitos os rios Maués – Açu, Maués – Mirim, Urupadi, Apocuitaua, Pupunhal e Amana.

2- Semântica

A semântica (do grego, derivado de sema, sinal) refere-se ao estudo do significado. A semântica se ocupa em saber como algo escrito ou falado significa. Dependendo da concepção do significado, têm-se diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, por exemplo, estudam o mesmo fenômeno, mas os conceitos e enfoques diferentes. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, semântica é o ramo da linguística que se ocupa do estudo da significação como parte dos sistemas das

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

línguas naturais; pode ser abordado sincrônica ou diacronicamente, e é sobre o prisma diacrônico, ou seja, estudos linguísticos que focalizam a evolução histórica da nossa língua, que nossa pesquisa se desenrola, devido sabermos que a Língua Portuguesa é viva e está em constante movimento.

3- Oralidade e Escrita

Assim que nascemos começamos a falar algumas palavras que ouvimos de nossos familiares, assim aprendemos a falar antes de ler e escrever. Toda criança normal aprende a falar, porém ler e escrever, nem todas. Outro fato importante é que todas as culturas fazem o uso da comunicação oral, mas ainda hoje há muitas línguas ágrafas.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2007), a fala é uma estrutura simples, informal e dependente do contexto. Já a escrita é uma estrutura complexa, formal e abstrata. A fala é menos complexa enquanto a escrita precisa de regras. A exemplo disso, observamos que dependendo do lugar onde se está temos que ter cuidado com a nossa fala, se estivermos em uma conversa formal temos que obedecer às regras gramaticais e já em uma conversa informal se fala com mais naturalidade, até vale o uso de gírias. Já a escrita deve seguir um modelo padrão, segundo a gramática normativa .

4- Materiais e Métodos

Nossa pesquisa abordou a linguagem escrita e a oral. Dessa forma, temos como material escrito conto de Aldemir Bentes, escritor da "terra" que fala da "terra" e oral, diálogo produzido por alunos do IFAM-Maués. Procederemos ao trabalho apresentando os contos e destacando as palavras regionais. Em seguida, apresentamos o diálogo descontraído, informal, feito por jovens e cedido ao nosso trabalho, com vocabulário das palavras regionais, feito pelos próprios alunos.

4.1- A Escrita:

Figura 1: Livro cujo conto foi extraído para análise

Os Carapanãs do Mutuca

Os assíduos pescadores de final de semana – Manelão, Aderson Cacau, Maneco Burú, Dinho carvalho, gatinho da CEAM, Xeco da D. Mimi, Carimã, Catola e outros – conhecem o Mutuca, farto em peixe. No entanto, quando chega a noite, o melhor é **apoitar** a canoa no meio do lago, senão os **carapanãs** não deixam ninguém dormir. Os insetos são tantos, que ate bode dorme dentro d' água.

Barbudo, o maior pescador e caçador de Maués e conhecedor de todos os rios, lagos e matas adjacentes, foi pescar no local. Sabia que o lugar era infestado de carapanã, por isso se preveniu. Levou consigo um plástico grosso que ganhara de Padre Leão.

Chegando ao mutuca, pescou o dia inteiro. Conseguiu capturar 10 **budecos**, 12 tambaquis e ainda matou 20 capivaras, 03 pacas e tarrafiou um macaco, enquanto este bebia água na margem do rio. Mesmo com todas essas **embiaras**, resolveu dormir no lago e de madrugada rumar para Maués.

À tardinha, fez uma enorme fogueira à beira do lago e, quando se formou um braseiro, assou um **capitari**, jantou-o regado ao molho de pimenta e um gostoso **chibé.**

Em toda a Amazônia, a noite cai rápida. Já escuro, barbudo recolheu seus pertences para dentro da **montaria**, agasalhou suas **embiaras** embaixo do **japá**, reservando um lugar para sua cama improvisada.

Noite escura. Ao longo do lago, milhares de vaga-lumes acendiam as suas "lanternas". Olhou o céu, poucas estrelas. Ao longe se via o clarão das luzes de Maués. Aos poucos, o sono foi chegando, e Barbudo começa a cochilar, e, subitamente, é atacado por um exército de carapanãs. Enrola-se em cobertor de pano. Nada, os famintos chupadores ultrapassavam o tecido e atingiam sua pele. Lembrou do plástico grosso. Apanhou e envolveu-se nele, cobrindo-se dos pés à cabeça.

Quando ia conseguindo dormir, levou várias ferroadas e sentiu os carapanãs puxarem sua barba. Descobriu-se rapidamente e ficou observando a atitude dos carapanãs, pois não conseguira entender como eles furavam o resistente plástico.

O que barbudo viu deixou-o boquiaberto e levou alguns minutos para acreditar, pensou ser um sonho, entretanto, era a pura verdade: os carapanãs iam até a fogueira que ele havia feito, colocavam seu bico sobre a brasa e, quando estes estavam vermelhos, voavam ate a canoa e encostavam o bico no plástico, furando-o.

Sem alternativa para dormir, Barbudo teve uma brilhante idéia. Caiu dentro d' água e improvisou uma camuflagem. Misturou sua longa barba ás "barbas" de uma **periquiteira**, confundindo seus inimigos.

Foi assim que o inteligente barbudo enganou os carapanãs do Mutuca.

Do conto destacamos palavras, também destacadas pelo autor, como palavras carregadas de significação dentro do contexto e, segundo indicação do dicionário, de origem regional, são elas:

1- apoitar: ancorar, (dicionário Houaiss eletrônico) lançar poita para fundear (embarcação miúda); apoitar, apoutar, poutar.

2- carapanãs: inseto voador; (dicionário Houaiss eletrônico): Regionalismo amazônico: ***mosquito*** ('designação comum')

3- budecos: pirarucu de pequeno porte.

4- embiaras: animal morto durante a caça ou pesca; (dicionário Houaiss eletrônico) Regionalismo amazônico: resultado de caça ou pesca, ou presa de guerra. .(dicionário Houaiss eletrônico)

5- capitari: quelônio, tracajá, iaça. (dicionário Houaiss eletrônico): Regionalismo: Norte do Brasil. macho da tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*); zé-pregos

6- chibé: jacuba, mistura e farinha de mandioca com água. rubrica: culinária. (dicionário Houaiss eletrônico): Regionalismo: Amazonas, Pará, Maranhão: ('pirão', 'refresco')

7- montaria: canoa de pequeno porte

8- japa (á): teçume feito de palha, usando para proteger do sol e da chuva, cobertura. (dicionário Houaiss eletrônico) Regionalismo: Amazonas. Esteira tecida de folhas de palmeira, que serve como toldo em pequenas embarcações, para cobrir barracas, alpendres etc. ou para fechar portas e janelas.

9- periquiteira: árvore que nasce nos igapós, lagos e beiras de rios de águas pretas. (dicionário Houaiss eletrônico): árvore de até 9 m (*Buchenavia oxycarpa*) da fam. das combretáceas, nativa da Amazônia, de copa hemisférica, inflorescências em espigas laxifloras e frutos drupáceos.

10- mutuca: (dicionário Houaiss eletrônico) design. comum a todos os insetos dípteros da fam. dos tabanídeos, de corpo robusto e de tamanho médio a grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas; butuca, moscardo, motuca, tavão [São incômodas ao gado e ao homem, devido às suas picadas dolorosas.

11- Mutuca: no texto: rio próximo da cidade de Maués

O Conto Carapanã de Mutuca de Aldemir Bentes apresenta um vocabulário regional, cuja semântica das palavras destacadas são encontradas quando analisadas no contexto, e não isolada, para compreensão integral do texto. Vale ressaltar a necessidade de conhecer o contexto em que se desenrola o conto. São palavras que nomeiam e caracterizam o meio ambiente, a natureza, os rios, relativos a um lugar com riquezas naturais, o que fez surgir palavras com significados nosso (regional). Dificilmente uma pessoa que não mora na região conhece o verdadeiro significado dessas palavras, pois fazem parte da nossa história. Passaremos agora a perguntas e respostas de algumas questões feitas para Sr. Aldemir Bentes em entrevista para nossa pesquisa:

Figura 2 – Entrevista com Aldemir Bentes
(à esquerda: docente, no meio: o escritor, à direita: discente)

1. "O senhor explica com pormenores alguns significados de palavras regionais. Como conseguiu descrever com tanta precisão estas palavras?

Essas palavras fizeram parte do nosso vocabulário antigo, dos nossos avós, dos nossos antepassados. E ao longo do tempo com a migração de pessoas de outras regiões foram se perdendo. Para não se perder totalmente eu fiz esse trabalho de registro. Essas palavras são do tempo da minha mãe, fui coletando e inserindo nas minhas histórias. Ao mesmo tempo em que eu falo da época da minha vida, como era Maués, fui injetando esse vocabulário, exatamente para que a pessoa entenda daquele contexto, o que significa."

2. "Como professor de língua portuguesa, qual a sua opinião sobre o uso de palavras indígenas **na cidade de Maués, até mesmo pela questão de mauesense e maueense?**

Os índios tiveram uma participação muito grande na formação de nosso povo. O nosso povo é formado por nordestinos, árabes, judeus e tem também a presença indígena muito forte. E esse vocabulário indígena foi inserido no nosso vocabulário local e daí também o surgimento do nome do nosso município para prestigiar a tribo mawé, que foi quem conseguiu dominar as demais tribos locais. A essência da palavra é mawé, então, quando os portugueses chegaram, eles acrescentaram o **s** para dar pluralidade da palavra, porque para o índio não existe plural. Então, por força da língua portuguesa acrescentou-se o **s**, foi quando colocaram mauesense. Não está correta, mas também soa de forma estranha; mawé é mais autêntico, é mais pessoal. Mawé vem da nossa tribo, sateré-mawé que era o clã mais forte e que dominou. O sateré nesse caso é tipo um sobrenome, sendo que a origem da palavra é mawé."

Na cidade de Maués, ouvimos os gentílicos mauesense e maueense. Na questão número 2, Bentes, explica que o mais adequado é maueense, derivado de mawé, e não mauesense, pois este último teria sofrido alteração (aportuguesamento), em relação à palavra primitiva.

Na questão número 1, Bentes admite que o vocabulário faz parte da população mais antiga e ele o resgata para não se perder. Sendo assim, decidimos fazer nossa pesquisa oral com jovens, especialmente em diálogos informais. O texto foi produzido e cedido para nosso trabalho, pelos alunos Breno Cunha Barbosa e Renata Cazemiro Ferreira 2º ano de informáticas do IFAM – Maués:

4.2- A oralidade informal

<u>Feira de expressões</u>

"O ambiente é numa feira, de produtos em geral. Dois amigos se encontram e começam a conversar, botando os babados em dia.
Ela - Oi <u>mano</u>!
Ele - Oi <u>mana</u>!
Ela – Tudo beleza contigo?
Ele – Tudo bem, <u>só na maciota</u>.
Ela – Ah, que bom. E aí, e os babados?
Ele – Vichi, tenho <u>rolos</u> pra te contar!

Ela – Adoooro! Mas tá tri quente aqui, bora ainda ali comprar um din-din pra gente chupar enquanto conversa.
Ele – De rocha.
Ela – Mas e aí, o que tu tem pra me contar?
Ele – Tu nem sabe! Um dia desses um galeroso não roubou meu celular?!
Ela – Olha já! Quando foi isso? Onde?
Ele – Foi semana passada quando eu tava voltando pra casa a pé. E era um curumim mana, parecia que tava era chapado. Veio pra cima de mim com uma faca pedindo meu celular.
Ela – Pela madrugada! E o que tu fizeste?
Ele – Eu entreguei né, senão ele ia me furar com a faca.
Ela – Thoco já! Era pra tu ter dado uns cascudos nele.
Ele – Mas ele era porrudo, dava dois de mim. Do jeito que sou gitinho.
Ela – Putz, mó palha esses curumins.
Ele – Pois é, mas agora já comprei outro celular chibata pra mim.
Ela – Queixou da tua mãe, foi?
Ele – Mas quando já. Comprei com meu salário.
Ela – Trabalhando do vera mermo? Não tava sabendo desse babado não.
Ele – Nadinha já, agora sou trabalhador. Te passa, ne?!
Ela – Marrapá! Tá virando homenzinho agora.
Ele – Mas claro, desde pequeno vovó diz que eu sou ladino, ladino.
Ela – E onde é esse teu trabalho?
Ele – É numa loja muito pai d' égua ali no centro. Só que meu patrão é tri brabo. Pego pouco ralho dele já. Só que é uma catipora que não faz o serviço dela direito e acaba sobrando pra mim.
Ela – Mas ah cunhantain abestada. Dá uns ralhos nela também pra ela se mancar.
Ele – Quem deras, ela é tri enjoada, se eu fizer isso, ela vai ficar mais ainda.
Ela – Então deixa quieto. O papo tá bom, mas tenho que ir pra casa fazer um trabalho de português ainda.
Ele – Também tenho que voltar pro trabalho depois.
Ela – Beleza, então a gente marca pra colocar os babados em dia.
Ele – Unrrum, a gente marca sim. Inté.
Ela – Inté mano. Beijinhos."

Vocabulário:

Curumim: menino, garoto.
Cunhantain: menina, garota.
"Olha já": "Caramba". Expressão de surpresa, espanto.
Ladino: esperto
Ralho: repreensão, bronca.
Galeroso: marginal.
Din-din: gelinho, sacolé, flau, chopp.
Mana (o): irmã (o); vocativo pros amigos.
Rolos: muitos.
"Thoco já": "Fala sério".
Tri: muito.
Chibata: muito legal.
Pai d'égua: muito legal.
Porrudo: grande, gordo.
Gitinho: pequeno, magro.
"**De rocha**": "Verdade".
"**Do vera**": "De verdade"
Catipora: mulher feia.
"Mas quando já": Não.
"**Só na maciota**": de boa, tudo bem, tranquilo.
"**Se mancar**": criar vergonha na cara.
"**Quem dera**": "Oxalá".
Enjoada: chata.

Inté: até, tchau.
"Bora ainda ali": "Vamos ali".
Queixar: pedir.
Mó palha: horrível
"Marrapá": "Olha só".
Chapado: drogado, bêbado.
"Te passa né": admiração.

Autores: Breno Cunha Barbosa e Renata Cazemiro Ferreira

No texto observamos o uso de palavras não convencionais , traduzidas por um vocabulário dos próprios alunos.

Resultados e Discussão

Após a transcrição e observação das palavras regionais nos textos, observamos que em nossa região há o uso de palavras essencialmente regionais tanto na língua verbal escrita como na falada. Isso acontece porque a cultura de Maués tem raízes fortes, e a língua é fruto da sociedade. Aldemir Bentes em seu conto apresenta a região amazônica em especial a de Maués, não economizando o vocabulário local e defende o uso de gentílico maueense em vez de mauesense, preferindo achar mais acertado o que vem da etimologia indígena e não a aportuguesada. Mostra a preferência de um morador de Maués que entende da cultura e língua do povo. O diálogo "Feira de expressões" após lido em sala de aula causou espanto aos ouvintes por compreenderem que sua Língua Portuguesa não é só pautada em palavras do dicionário e da gramática. Todos compreenderam o texto sem necessidade de consultar o vocabulário.

Conclusões

Presenciamos a variação linguística na cidade de Maués, tanto em texto escrito como em texto oral. Observamos também que essas variações fazem parte da cultura do povo antigo e dos jovens, tornando Maués uma cidade especial com sua exuberante natureza: matas, praias, pores- de - sol e o povo simpático que transmite alegria por meio do seu jeito particular e regional de falar. Nossa vontade era de dar continuidade a esse trabalho, buscando a etimologia mais pormenorizada, porém o tempo não nos permitiu. Mesmo assim o resultado da pesquisa foi surpreendente, uma vez que, ainda hoje, muitas pessoas acreditam que só falam a língua que é ensinada nas escolas.

Figura 3 – Entardecer no calçadão *à* beira do Rio em Maués

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Maués pela oportunidade, à FAPEAM pela concessão de bolsa à discente, ao escritor Aldemir Bentes pela preciosa colaboração e aos alunos Breno Cunha Barbosa e Renata Cazemiro Ferreira pelo produção do diálogo: Feira de Expressões.

Bibliografia:

BENTES, Aldemir. *Contos e Lendas*. Maués-AM- produção artesanal, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V. O.; AQUINO, G. O. *Oralidade e Escrita – Perspectivas para o Ensino de Língua Materna.* São Paulo: Cortez, 2007.

LOPES, Ana Cristina Macário e RIO-TORTO, Graça. *Semântica.* Coimbra: Caminho, 2007**.**

PAIVA, Odivaldo Miguel de Oliveira. *A História de Maués – Um caminho através do tempo – da sua fundação aos nossos dias.Maués-AM,2010.*

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa 1.0, 2001.